

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: Uma experiência a partir dos jovens do ensino técnico.

CLARICY LIMA DA SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)

MARIA AMELIA JUNDURIAN CORA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)

ROBERTO SANCHES PADULA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUCSP)

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: Uma experiência a partir dos jovens do ensino técnico.

1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo vem ganhando espaço nos assuntos econômicos e sociais no Brasil. Segundo o GEM (Global Entrepreneurship Monitor) no Brasil há 38% de empreendedores, cerca de 51,9 milhões de brasileiros, têm um negócio próprio ou estão envolvidos na criação de um. Sobre os jovens empreendedores em 2018 eles aumentaram a participação, sendo que cerca de 22,2% dos jovens brasileiros entre 18 e 24 anos são empreendedores iniciais (GEM, 2018).

Essas transformações provocam impactos na educação quanto aos aspectos de ensino-aprendizagem, por isso é preciso ter respostas rápidas e eficazes que atendam a demanda dos discentes já que eles vivem em um mundo cada vez mais concorrido, com evoluções tecnológicas, modelos de negócios novos. Essa geração de jovens é conhecida por geração Y que têm como algumas de suas características um espírito empreendedor, são independentes, são propensos a interagir com as tecnologias mais recentes e são movidos por desafios (BOROCHOVICIUS; TORTELLA, 2014).

Por vezes para vencer os obstáculos de ser um empreendedor é preciso entender o significado de “ser um criador, um inovador, possuir iniciativas ou habilidades e talentos que ainda não foram explorados” (SILVA, 2017, p. 45). Os conceitos e as práticas do empreendedorismo possibilitam ao aluno entender melhor o contexto da economia, a sociedade, a realidade em que vive, e ter o conhecimento necessário para ser um agente de mudança, transformar sua realidade, enxergar oportunidades, buscar melhorias e transformações (SILVA, 2017).

Por reconhecerem a importância do empreendedorismo na educação, alguns projetos de leis, municipais ou estaduais, desejam inserir o ensino do empreendedorismo nas escolas públicas. É possível que, diante desse passo, haja a inclusão do empreendedorismo como um conhecimento que venha a agregar no ensino da educação fundamental (SILVA, 2017).

No Brasil o ensino do empreendedorismo é recente, comparado a outros países desenvolvidos. Apesar de caminhar ainda devagar, o Brasil anseia por difundir uma cultura empreendedora que consiga transformar a sociedade com pessoas cada vez mais capazes de aprender não apenas sobre o empreendedorismo, mas com o empreendedorismo.

Para Henrique e Cunha (2008), não basta mais lançar no mercado “simples administradores” treinados para gerenciar grandes empresas, o mercado precisa de profissionais aptos a abrir um negócio, um empreendimento, pessoas que buscam inovar e empreender dentro da própria empresa em que atuam, sendo “intraempreendedores” que conseguem, apesar de ambientes cada dia mais complexos, contribuir com a manutenção e inserção das organizações nesse ambiente.

No Brasil o empreendedorismo é estimulado nas escolas de Administração desde a década de 1990, e hoje, devido o reconhecimento crescente de sua importância, o empreendedorismo cada vez mais faz parte da aprendizagem dos estudantes seja nos cursos técnicos, em instituições como SEBRAE, ou ainda em outros cursos que vão além da tradicional Administração, e na educação básica, mesmo que ainda seja de forma incipiente. Reina e Santos (2017) afirmam que as iniciativas em outras instâncias educacionais ainda são modestas frente às expectativas que circundam esta temática, por isso é preciso avançar ainda mais. Henrique e Cunha (2008, p.118) afirmam que:

o ensino de empreendedorismo estava inserido no campo da administração como uma subárea e, recentemente, está sendo estudado como campo

específico de conhecimento, porém com seus conceitos e metodologias ainda em fase de consolidação e formação, sem haver um consenso dentre os autores.

Diante de tudo isso BorochoVICIUS e Tortella (2014, p.265) discutem sobre o papel das instituições de ensino diante dessas mudanças, pois elas:

buscam atender aos anseios dessa nova geração de estudantes por meio de metodologias, métodos e meios pedagógicos, garantindo qualidade e efetividade do ensino. Uma possibilidade é a utilização de métodos pedagógicos que permitam ao estudante desempenhar um papel mais ativo e garantindo-lhe maior autonomia no processo de aprendizagem.

Hoje não basta apenas dar uma educação de forma tradicional, os alunos demandam receber uma formação que garanta a eles o conhecimento e as práticas necessárias para desenvolverem suas habilidades e atitudes. Os métodos pedagógicos utilizados devem favorecer esse desenvolvimento, onde os alunos possam desempenhar um papel mais ativo em seu processo de aprendizagem e não um espectador.

1.1. Problema de Pesquisa e Objetivo

As mudanças no ensino de formação profissional estão presentes em diversas áreas, e não se faz diferente quando se fala em empreendedorismo, entre tais mudanças a aprendizagem pela prática tem sido potencializada como método de ensino-aprendizagem, nas esferas do ensino técnico, superior e de pós-graduação, diante disso compreender a percepção dos estudantes neste processo permite uma melhor avaliação dos métodos para transferência de conhecimentos sobre o empreendedorismo.

Este trabalho busca analisar como se deu a aplicação de uma oficina de empreendedorismo junto a estudantes de nível técnico de uma instituição federal no interior de Alagoas e como foi a percepção dos alunos quanto a aplicabilidade do empreendedorismo em suas trajetórias profissionais e dos resultados da oficina neste despertar sobre o empreendedorismo.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Processos de Aprendizagem

Em relação à aprendizagem, existem na literatura diversos autores que falam sobre a diferença entre o ensino de empreendedorismo comparado ao ensino de outras áreas de conhecimento mais habituais. Até porque o que deve ser ensinado e como deve ser ensinado ainda é motivo de discordâncias e congruências.

Nesse sentido, a aprendizagem é um processo em que o sujeito assimila informações externas, com o que já lhe é conhecido, e assim constrói novos conhecimentos. Ela ocorre de forma individual, não obstante possa ser favorecido por intermédio da relação entre ambiente e os outros (SCHAEFER; MINELLO, 2017).

Bruner (1976) apud BorochoVICIUS e Tortella (2014), traz de forma mais profunda o processo de aprendizagem, ele acredita que a aprendizagem se dá por três processos. O primeiro, aquisição de nova informação com a contradição ou afirmação do que o aluno já tem interiorizado. Segundo, transformação dessa informação recebida adaptando-a a novas ideias. Terceiro, avaliação adequada dessa informação. O autor prioriza que para aprender é preciso que o aluno tenha essa vontade, e ela é gerada através da curiosidade e o interesse que o aluno tem pela descoberta. Quando o aluno é desafiado por um problema, ele se sente motivado a buscar informações, confrontá-las, assim como descobrir novas informações, consolidando a aprendizagem.

Para que ocorra a aprendizagem é preciso uma motivação, o aluno não vai aprender apenas porque o professor diz que o conteúdo é importante para sua formação. Ele precisa entender por que é importante, como ele vai utilizar aquele aprendizado em sua vida, que

impactos ele pode gerar. Ainda mais quando se fala em educação empreendedora em que o aprendizado depende muito mais do aluno do que do professor.

Mesmo a educação empreendedora priorizando uma didática mais voltada à prática, é fundamental possuir no processo de aprendizagem conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. O fato de ter uma didática experiencial, não descaracteriza a importância das demais formas de aprendizado, pelo contrário, é preciso haver uma interação harmônica entre elas.

É preciso sim ter a prática na educação, principalmente na educação empreendedora, mas não se pode deixar de lado os conhecimentos científicos que fazem parte da sociedade.

Independentemente de quais correntes de pensamentos se tenha sobre o processo de aprendizagem e as didáticas necessárias para o ensino-aprendizagem, é preciso entender as influências e os novos cenários aos quais os estudantes estão inseridos para que a aprendizagem seja fluida e eficaz.

3.2 Aprendizagem e prática para educação empreendedora

Nas últimas décadas houve um aumento significativo no interesse e estímulo da aprendizagem e da educação empreendedora, de forma a ter um novo olhar sobre o sujeito empreendedor e a função da aprendizagem no desenvolvimento deste empreendedor. Seguindo este movimento, as pesquisas acerca do empreendedorismo cresceram de forma a abordar novos estudos tanto em relação a teorias quanto aos de caráter empírico. A educação empreendedora dessa forma é apontada como substancial para que a cultura empreendedora seja difundida, assim como é primordial na formação de novos empreendedores (SCHAEFER; MINELLO, 2017).

Os estímulos para implementação de uma educação mais empreendedora advêm da realidade de que o Brasil enfrenta a necessidade de inovação contínua na economia e na sociedade.

A educação empreendedora se difere da educação formal a qual estamos acostumados, a literatura sobre o tema, principalmente as mais recentes, consideram que o empreendedorismo pode ser aprendido por qualquer pessoa, desde que as didáticas de ensino possibilitem este aprendizado.

O aluno antes mesmo de conhecer o que é o empreendedorismo, e suas aplicações, precisa conhecer a si mesmo, suas motivações e estímulos, precisa ser capaz de compreender suas habilidades, suas experiências e os fatores que o influenciam. É preciso estar aberto ao novo e se permitir aprender a todo tempo.

Filion e Lima (2010) descrevem como o empreendedor sofre as influências do meio em que vive, como tudo isso interfere em sua aprendizagem e em como ele percebe a si mesmo e aos outros, que será abordado em "perfil empreendedor".

Sobre esta constância do aprendizado humano Schaefer e Minello (2017, p.3) explica que:

Diariamente é possível obter um novo conceito, uma nova expressão de linguagem, um novo conhecimento. O que se assimila e se extrai do mundo e que de algum modo serviu para a própria sobrevivência e adaptação, auxilia o indivíduo a fim de reter mais e mais impressões do meio. Quando esses dados colhidos pela percepção modificam de maneira estruturada os comportamentos, podemos dizer que se aprendeu algo. Essa aprendizagem pode ocorrer de diferentes formas: por observação, pela experiência, pela imitação, pelo treino etc.

Aprende-se algo quando consegue incorporar o que foi ensinado e aplicar esse aprendizado em diversas situações, no empreendedorismo só se aprende fazendo, não adianta saber toda a teoria se na hora de resolver os problemas não conseguimos por em prática.

Para Schaefer e Minello (2017, p.3) "a aprendizagem é um processo de construção do conhecimento de si, do mundo circunstante, das pessoas e das coisas, provocado por uma

necessidade que visa um objetivo, que gera uma ação e que acarreta em uma mudança de comportamento”.

Em se tratando de aprendizagem empreendedora ela é “o processo desenvolvido por meio de ações, em que os indivíduos adquirem, assimilam e organizam conhecimentos obtidos a partir de estruturas existentes, construindo uma aprendizagem que influencia a ação empreendedora” (SCHAEFER; MINELLO, 2017, p.4).

Politis (2005) evidencia que a experiência é por natureza, a responsável por parte considerável da aprendizagem empreendedora e ela está atrelada a experiências e vivências, que se apresentam de forma complexa. Todavia consegue explicar grande parte do comportamento do empreendedor, e como este desenvolve sua aprendizagem. A experiência ou vivência do empreendedor constitui-se por observação e até mesmo pela participação em eventos sobre empreendedorismo, desenvolvimento e envolvimento em atividades empreendedoras.

O professor nesse sentido deve ser capaz de levar de forma integrada, o conhecimento e experiências necessárias para a sala de aula, acerca de outras disciplinas, da comunidade e da instituição.

3.3 Metodologias de ensino para educação empreendedora

As metodologias de ensino abordadas por Schaefer e Minello (2017, p. 12) afirma que é necessário:

o uso de metodologias de ensino que permitam o “aprender fazendo”, a fim de que o aluno se depare com eventos críticos que o forcem a pensar de maneira diferente, buscando saídas e alternativas, ou seja, aprendendo com experiência, aprendendo com o processo. Investigando referenciais para a educação empreendedora, a autora resgata propostas de aprendizagem orientadas para a ação: aprendizagem experiencial; aprendizagem pela ação; aprendizagem contextual (processo de construir o significado a partir da interação social e da experiência); aprendizagem centrada em problemas e aprendizagem cooperativa (trabalhar em grupos heterogêneos exercitando a liderança, a comunicação, a coesão de equipe etc.).

Diferente do que é habitual em uma educação formal, no empreendedorismo a sala de aula deve ser um ambiente propício para que a aprendizagem dê espaço a vida real num contexto em que os conhecimentos sobre empreendedores locais e seus negócios, a comunidade e as próprias experiências dos alunos acerca do empreendedorismo sejam explorados como fontes e recursos de conhecimento e informação.

Desse modo, o processo de ensino aprendizagem deve ser o mais próximo do que é visto na vida real, sendo a sala de aula um ambiente de geração de conhecimentos que serão utilizados pelos alunos para empreender. Esse aprendizado não pode ser no método aprender primeiro e aplicar depois, pelo contrário, é preciso que sejam atividades simultâneas, que interagem entre si. (SCHAEFER; MINELLO, 2017, LOPES, 2010, RIBAS, 2011).

Compactuando do mesmo pensamento, Henrique e Cunha (2008) acreditam que é preciso uma adequação dos conteúdos e práticas “didático-pedagógicas” que permitam alcançar os objetivos. A utilização de métodos comuns que apenas transmitem conhecimento não é o mais apropriado. As literaturas sobre metodologias de ensino do empreendedorismo convergem e divergem sobre as práticas pedagógicas mais adequadas.

Não se pode esperar que o empreendedorismo, que é tão dinâmico, aplicável na realidade, seja abordado em sala com aulas tradicionalmente expositivas e com situações hipotéticas que muitas vezes não se aplicam fielmente à realidade.

Ele precisa ser vivido, experienciado para então explorar suas dinâmicas. O aluno que consegue experienciar o empreendedorismo ainda dentro da escola tem possibilidades muito

maiores de se adaptar e superar as dificuldades do mundo que muda constantemente e anseia por pessoas cada vez mais empreendedoras independente de qual área ela seja.

Talvez um dos grandes desafios para conseguir uma formação empreendedora seja a dificuldade em buscar referenciais teóricos mais estruturados, melhores “conteúdos programáticos”, como também uma dinâmica para uma educação que viabiliza a aprendizagem de forma eficaz (PARDINI; PAIM, 2001).

Nesse sentido, Filion e Lima (2009) afirmam que as pesquisas no campo do empreendedorismo, de certa forma, parecem ter avançado “para se compreender melhor o que envolve o ato empreendedor”, por outro lado não se pode dizer o mesmo sobre a compreensão do “ato empreendedor em si”.

Vários são os motivos para esta problemática, dentre eles a dificuldade em estabelecer bases metodológicas comuns para se aprofundar os conhecimentos sobre o “ato empreendedor”. “Sem essas bases consolidadas, é muito difícil considerar o empreendedorismo como uma ciência, apesar de que, a necessidade desta consolidação é cada vez mais primordial.

O aluno na educação empreendedora assume o papel de principal agente da sua aprendizagem, é ele que precisa buscar a “autonomia do ser”, “saber” e “fazer empreendedor”. E por isso o professor nesse contexto assume a função de facilitar esse processo, e junto ao aluno precisa direcionar seu aprendizado com base nos objetivos, metas e desejos que os estudantes precisam.

O professor é alguém que detém conhecimentos teóricos e práticos sobre empreendedorismo, e que consegue levar o aluno a enxergar o empreendedorismo de forma visionária. Sendo assim na educação empreendedora é imprescindível o desenvolvimento do “saber ser”, “aprender a aprender”, “saber tornar-se” como também “saber passar à ação”, diferenciando da educação formal voltada apenas a transferência de conhecimento e conteúdo (SCHAEFER; MINELLO, 2016). Complementando este pensamento, o ensino do empreendedorismo na visão de Henrique e Cunha (2008, p.133) acontece com:

estabelecimento de um equilíbrio da função do professor, que deve estar entre o papel de facilitador do processo de aprendizagem, por meio de aconselhamentos e orientações das atividades práticas dos alunos, e o de professor que transmite o conteúdo teórico, especialmente vinculado à gestão empresarial, com destaque às áreas de planejamento, comercialização, contabilidade, estratégia, marketing e recursos humanos.

Tanto universidades quanto demais entidades e escolas deram um passo para a educação com o foco no empreendedorismo, principalmente em relação ao perfil do empreendedor, e seu modo de agir e de ser (DORNELAS, 2002). Esse passo é de extrema importância, pois através dele novas metodologias surgirão e serão aperfeiçoadas, resolvendo muitas das dificuldades que os teóricos têm sobre o conceito de empreendedorismo e as melhores formas de obter uma educação de fato empreendedora.

Existem na literatura algumas metodologias que visam elucidar tipos de didáticas para ensinar empreendedorismo. A utilização delas depende dos objetivos que se pretende alcançar, as características dos alunos e quais são suas facilidades e dificuldades para aprender. Nenhuma delas é absoluta, pois até mesmo as metodologias de ensino não são de fato aplicáveis em todos os casos.

Para desenvolver a aprendizagem empreendedora Lima et. al. (2014), trazem alguns apontamentos como sugestão de metodologias para a educação empreendedora, são elas:

- uso de estudo de casos e histórias de fracasso para se conhecer melhor o fato de que em empreendedorismo errar é natural e, de certa forma, até desejável como forma de aprendizado;
- uso da mídia como meio de aprendizagem com casos reais, complementados com conceitos fundamentais que explicam as histórias de sucesso (ou de fracasso) apresentados nos casos;

- entendimento de que o empreendedorismo nem deveria ser uma disciplina, mas uma competência a ser desenvolvida de forma transversal ao longo de todas as disciplinas;
- premissa de que a própria universidade deve ser mais empreendedora, proativa e inovadora, desenvolvendo uma cultura empreendedora;
- maior contato e interação dos alunos com empreendedores reais, por meio de programas de mentoria, estudos de caso, palestras, estágios etc.;
- interação com empresas para o desenvolvimento de casos em que os alunos possam aplicar o que for aprendido em sala de aula em situações e problemas reais;
- oportunidades para os alunos desenvolverem suas ideias de negócio em ambientes protegidos, como laboratórios de co-working, onde possam experimentar, errar e aprender com a prática;
- incentivo para que professores possam dedicar um tempo fora de sala de aula atuando como coach de alunos que estão empreendendo;
- participação em atividades extracurriculares, como competições de negócios e de inovação, empresas juniores, projetos sociais, associações de estudantes e eventos que aproximem mais o aluno do universo empreendedor.

Essas ferramentas devem ser trabalhadas nos alunos da educação empreendedora, por meio de atividades que estimulam esse aprendizado, desenvolvendo uma comunicação efetiva, a criatividade com ideias inovadoras, a sensibilidade e o conhecimento de reconhecer oportunidades empreendedoras, o senso crítico e avaliativo, a liderança, negociação, habilidade de tomar decisões, habilidade de resolver problemas, administração do tempo, precisa ainda ter o conhecimento de quais pessoas podem fazer parte da rede de network, e conhecer as características que fazem parte do perfil empreendedor.

Todos esses conhecimentos permitem aos alunos adquirir habilidades que lhes serão úteis, pois os aprendizados da educação empreendedora são aplicáveis independente da área de atuação.

4 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa optou-se pelo uso de uma metodologia de pesquisa-ação com a realização de atividades dirigidas junto ao público previamente selecionado.

A pesquisa-ação configura-se como uma nova agenda colaborativa entre o pesquisador profissional e os atores sociais na definição dos objetivos, na construção das questões de pesquisa, no aprendizado das habilidades de pesquisa, na definição do conhecimento e dos esforços, na condução da pesquisa, na interpretação dos resultados e na aplicação do que foi aprendido, a fim de produzir uma mudança social positiva (CHIZZOTTI, 2014).

O universo desta pesquisa é composto por estudantes matriculados concluintes do curso técnico de eletroeletrônica e informática do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) localizado na cidade de Arapiraca, estado de Alagoas. O IFAL teve suas atividades iniciadas em 2010 ofertando os cursos técnicos integrados ao ensino médio de Eletroeletrônica e Informática, como também o curso técnico subsequente (para quem já terminou o ensino médio) em Eletroeletrônica.

Por sua educação técnica integrada ao ensino médio, os jovens são formados com uma consciência empreendedora por meio da disciplina integradora de Gestão Organizacional e Segurança do Trabalho (GOST) com carga horária de 80 horas para o curso de eletroeletrônica e informática.

A prática profissional também é um requisito para a conclusão do curso, podendo ser feitos estudos de caso, pesquisas individuais e em equipes, prestação de serviços, produção artística, desenvolvimento de instrumentos, equipamentos, estágio curricular, desenvolvimento de projetos, trabalho de conclusão de curso ou similares e efetivo exercício profissional (IFAL, 2018a e 2018b).

Devido a este contato diferenciado que os alunos do curso técnico têm com noções de empresa e prática profissional, no primeiro dia de visita foi feita a apresentação da proposta do trabalho e logo após foi aplicado um questionário estruturado e semiestruturado com os alunos presentes em sala, nas quatro turmas concluintes do curso de eletroeletrônica e informática.

Esse questionário teve por objetivo analisar o conhecimento dos estudantes do 4º ano do IFAL acerca do empreendedorismo e sua importância, participaram da pesquisa 55 estudantes no total. O questionário foi aplicado no mês de julho de 2019.

Com base nas respostas obtidas com o questionário e o referencial teórico foi desenhada uma oficina que atendesse aos objetivos desta pesquisa. A oficina, por razões de oportunidade e limitações, foi ministrada apenas em duas das quatro turmas - uma turma do curso de eletroeletrônica vespertino e outra de informática matutino - que foram solícitas em participar das dinâmicas e desafios propostos. As oficinas foram ministradas em horário de aula na própria instituição de ensino. Na oficina participaram um total de 43 alunos.

O intuito da oficina era instigar os alunos do curso técnico do IFAL a pensar de forma empreendedora, reconhecendo suas habilidades e características que fazem parte ou não do perfil empreendedor. Para tanto foi composta de 6 (seis) momentos:

- **Apresentação:** Nesse momento foi explicado o objetivo da oficina e como ela aconteceria. Os alunos foram divididos em 5 (cinco) equipes. A divisão também foi espacial, separando as bancas para formar os grupos. Foram utilizados 20 minutos nesta etapa, considerando o tempo despendido para iniciar a oficina.
- **Desafio:** O desafio foi feito por elaboração própria, entregue em papel impresso em 2 (duas) vias para cada grupo visando agilizar a leitura e interpretação. Também foi lido e explicado o desafio e quais as soluções esperadas para este momento. Os alunos tiveram o tempo de 30 (trinta) minutos para realização desta etapa. Nesse meio tempo o oficinairo foi dando assistência a cada grupo, tirando dúvidas e motivando o desenvolvimento da atividade. Esse desafio exigiu dos alunos a capacidade de buscar soluções inovadoras e criativas, participação do grupo, contribuição de ideias, reconhecer oportunidades empreendedoras, avaliar de forma realista a proposta de negócio, liderança, negociação, tomar boas decisões, resolver o problema, pensar em rede de contatos, administrar o tempo.
- **Pitch:** Esse modelo de apresentação se caracteriza pela rapidez e objetividade, exigindo do apresentador domínio e segurança, noção de quais informações são relevantes para o entendimento de quem assiste à apresentação, e capacidade de coerção. Os discentes, para apresentação de suas ideias de negócios e soluções, tiveram de quarenta segundos a um minuto para convencer os ouvintes. Algumas equipes escolheram apresentação em dupla mesmo com tempo escasso. Essa etapa teve duração de 10 minutos.
- **Avaliação:** foi desenvolvido pelo autor uma avaliação com base em algumas habilidades e características necessárias ao desenvolvimento do aluno no contexto da educação empreendedora apresentados por Henrique e Cunha (2008). Foi entregue uma folha de avaliação para cada grupo, eles avaliaram a equipe de acordo com essas habilidades e características, respondendo sim ou não para cada indagação. As perguntas presentes na avaliação foram em relação a solução que eles propuseram e o processo de elaboração: Foi inovadora? Houve participação do grupo? Todos contribuíram com ideias? A solução foi criativa? Reconheceram oportunidades empreendedoras? Avaliaram de forma realista a proposta de negócio? Houve lideranças na equipe? Tiveram sucesso na negociação? Tomaram boas decisões? Conseguiram resolver o problema? Pensaram em uma rede de contatos? Conseguiram administrar bem o tempo? Depois que os alunos responderam as avaliações foram recolhidas e em um quadro impresso foi colocado a resposta de cada grupo, lado a lado, em uma versão

de tamanho maior. Eles puderam perceber como os outros grupos se auto avaliaram, também puderam perceber as dificuldades comuns e facilidades. Foi apresentado também o que significa cada uma das questões contidas na avaliação e sua aplicabilidade na prática das atividades da oficina, e como essas características e habilidades podem ser identificadas no perfil do empreendedor, e na vivência diária que eles têm. Assim eles puderam identificar quais características e habilidades eles já têm ou não do perfil empreendedor, e qual a importância disso. Essa etapa teve duração de 15 (quinze) minutos.

- **Canvas:** Nesse momento foi apresentado a eles a existência de ferramentas que auxiliam o empreendedor a entender e elaborar seu modelo de negócios. A ferramenta escolhida foi o método Business Model Canvas (Quadro de modelo de negócios) mais conhecido como Canvas. Foi explicado cada um dos 9 quadros que compõem o Canvas dando exemplo, sempre que possível, dos modelos de negócios apresentado pelos próprios alunos no pitch. À medida que os quadros iam sendo explicados, os alunos participavam dizendo se no momento em que eles estavam pensando e estruturando o negócio eles conseguiram refletir ou até mesmo estruturar aquela etapa do Canvas, mesmo que de forma simples ou incompleta. Quando a resposta foi sim, era colocado um post-it na cor verde no quadro do Canvas que estava sendo explicado naquele momento. Quando a resposta era negativa era colado um post-it rosa.

Esse momento serviu para eles entenderem que na estruturação de um negócio é preciso muito mais que ter uma ideia, é preciso pensar nos detalhes. Nessa etapa da oficina eles foram convidados a pensar nos detalhes importantes do negócio de uma forma visual e dinâmica. Não foi possível pedir que eles elaborassem o Canvas, pois é uma tarefa que demanda tempo, atenção e dedicação, por isso a ideia de utilizar a noção que eles já tinham sobre quais pontos eram importantes no momento de pensar e estruturar uma ideia de negócio e confrontar com as informações importantes que são demandadas em um modelo de negócios como o Canvas para estruturar uma ideia, e a importância de cada uma delas. Essa etapa da oficina durou 15 (quinze) minutos.

- **Reflexão e fechamento:** No último momento da oficina foi possível discutir com eles quais foram os aprendizados, como foi a atividade, se algo mudou na visão deles, quais as maiores dificuldades, mostrar que eles podem ser empreendedores seja na área de atuação do curso, ou em outra que eles almejam. Foi ressaltado também que todos eles tinham características próprias, habilidades, competências que poderiam ser aproveitadas, transformadas em uma ideia de negócio, e que as habilidades e características do perfil empreendedor podem ser trabalhadas e desenvolvidas neles, através de uma educação empreendedora. Também foi apresentado que o objetivo da oficina era instigá-los a pensar de forma empreendedora, reconhecendo suas habilidades e características que faziam parte ou não do perfil empreendedor. Este momento teve duração de 10 (dez) minutos.

A oficina rendeu muitas ideias criativas, todos os alunos foram muito participativos nos desafios, e no momento das explicações, tiraram dúvidas, acrescentaram com ideias, foi um momento criativo e divertido. Houve também algumas dificuldades no processo, o tempo da oficina era de 1 hora e 40 minutos, correspondendo a 2 aulas da disciplina de GOST, porém pelo fato de muitos alunos serem do interior de Arapiraca e até mesmo de outros municípios, dependiam de transporte escolar, fazendo com que alguns alunos chegassem depois de já ter dado início à oficina, mas logo se integraram nos grupos e participaram das dinâmicas.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir dos métodos de pesquisa definidos, foi possível analisar o conhecimento prévio dos estudantes do quarto ano do IFAL sobre o empreendedorismo e a educação empreendedora.

Sobre o perfil dos estudantes que participaram da pesquisa, têm-se que os alunos possuem idade entre 17 a 21 anos. Dos estudantes que responderam o questionário todos conhecem o termo empreendedorismo, sendo que 89,1 % acreditam que o empreendedorismo será benéfico para suas carreiras, além disso, para 92,7% dos entrevistados a educação empreendedora deve ser abordada em sala de aula.

Na família dos alunos, os assuntos sobre empreendedorismo são conhecidos, cerca de 61,8% dos entrevistados afirmaram que em sua família existem pessoas que possuem negócio próprio. Além da família, existem outras pessoas que também podem trazer para a vida destes estudantes algumas experiências, aprendizados quando se trata de assuntos sobre negócios, cerca de 74,5% dos estudantes conhecem pessoas próximas, com exceção de seus familiares, que também possuem negócio próprio.

Em se tratando agora das experiências de observação ou até mesmo de trabalhar em uma dessas empresas, seja de familiares ou de conhecidos, aproximadamente metade dos discentes não chegou a trabalhar ou ter uma experiência em uma dessas empresas conhecida por eles.

É possível observar que 58,2% dos estudantes já têm em mente qual carreira profissional seguir ao passo que 41,8% ainda não se decidiram. Nessa fase de escolhas difíceis a orientação sobre carreira é de fundamental importância para que eles se sintam mais confiantes com suas escolhas.

Ainda sobre carreira, 72,7% dos entrevistados pensaram em ter seu próprio negócio, é um quantitativo significativo, reforçando a necessidade desses estudantes de terem o contato com uma educação empreendedora que possa aflorar seus objetivos e dar o suporte necessário para os alcançar.

Por fim, em relação à relevância dos conhecimentos sobre empreendedorismo, apenas um respondente não considera que o aprendizado da educação empreendedora pode trazer pontos relevantes para sua vida mesmo que não se torne um empreendedor.

Logo após essa primeira pesquisa para conhecer um pouco mais os estudantes o trabalho deu continuidade com a oficina realizada na sede do IFAL, os resultados estão apresentados logo abaixo.

A oficina foi ministrada no curso de informática e eletroeletrônica, em ambas as turmas houve receptividade para realizar as atividades, as equipes se mostraram empenhadas em desenvolver as dinâmicas propostas.

O primeiro desafio foi que, em equipe, os estudantes criassem um produto/serviço que pudesse ser desenvolvido por eles de acordo com as habilidades, competências e criatividade da equipe que logo mais se transformaria em uma empresa, naquela dinâmica. Assim eles deveriam desenvolver um modelo de negócio que atendesse ou até mesmo superasse as expectativas do cliente, apresentasse qual o produto/ serviço, porque ele era diferente da concorrência, como o líder e sua equipe desenvolveriam esse produto, como ele seria comercializado, quem era o cliente, como seria a empresa e outros detalhes que a equipe julgasse importante. Esse processo de trabalho em equipe é muito importante pois a “heterogeneidade de um grupo possibilita troca de experiências, argumentações, informações e choques com diferentes pontos de vista” e essa troca possibilita situações de “conflito cognitivo”, através desses conflitos entre as opiniões e ideias diversas que se tem em um grupo, há a colaboração para a formação dos discentes (BOROCHOVICIUS; TORTELLA, 2014, p.272).

À medida que os alunos iam conversando em grupo sobre as ideias para solucionar o problema o oficinairo ia tirando as dúvidas dos alunos, dando suporte e encorajando a conclusão

da atividade, observando os grupos que tinham mais dificuldades e auxiliando-os. Como diz BorochoVICIUS e Tortella (2014, p.276) “a observação e análise do andamento dos trabalhos é também função do docente que deve contribuir com os grupos por meio de um feedback, informando sobre a qualidade das discussões”, além disso ia conversando para incentivar a melhoria na participação e interação entre os membros do grupo.

Após o desenvolvimento da ideia por meio da formação de grupos os alunos foram convidados a apresentar suas ideias de forma a vender seu produto/serviço. Neste momento não se esperava que eles trouxessem uma ideia bem elaborada, mas que pensassem de forma criativa e desenvolvessem o empreendedor que existe em cada um, bem como externar através de ações algumas das tantas características que formam um empreendedor, e que fossem instigados à autoanálise sobre quais características ou atitudes necessitam de mudança caso desejem ser empreendedores.

Dessa forma “o aluno precisa desenvolver a capacidade de descobrir e usar informações, construir suas próprias habilidades para resolver problemas e aprender o conteúdo necessário” assim o discente aprende por conta própria e trabalha com as informações que adquiriu (BOROCHOVICIUS E TORTELLA, 2014, p.273).

Nesta atividade os alunos apresentaram suas ideias, estavam divididos em 5 grupos de até 6 pessoas, considerando as duas turmas (eletroeletrônica e informática), formaram-se 10 grupos. Foram várias as ideias que surgiram nesta atividade, dentre as quais: Loja virtual de componentes eletrônicos; Bomboniere; Aplicativo de Delivery; Comércio de água mineral; Aplicativo de gás de cozinha; Empresa de eventos; Empresa de Marketing Digital; Sistema de entregas; Aplicativo professor particular; Elaboração de trabalhos acadêmicos.

Após esse pitch no qual os alunos apresentaram as ideias de negócio acima, tanto o oficinairo quanto o professor da disciplina de GOST que estava presente foram destacando pontos fortes e fracos das ideias, porém de forma reflexiva através de perguntas, fazendo com que os discentes refletissem sobre suas ideias e assim se avaliassem, pois, como afirma BorochoVICIUS e Tortella (p. 275, 2014):

A intervenção do docente deve estimular o grupo a pensar crítica e profundamente, questionar visando auxiliar os estudantes a descobrirem possíveis erros de concepções, detectar possíveis erros de informações e ao descobrir a dificuldade dos alunos em encontrar o caminho correto, prover de informações, seja com breve explicação, seja com exemplos práticos, para que o grupo retome a discussão.

Essa dinâmica foi muito proveitosa tanto para os alunos em particular quanto para o desenvolvimento da disciplina de GOST, que iria abordar posteriormente o assunto sobre empreendedorismo em aula. Algumas ideias são aplicáveis na prática depois de estruturar com profundidade o Canvas seguido do plano de negócio, outras ideias foram além do esperado com soluções intrigantes, diante de tudo isso eles souberam aflorar a criatividade e pensar “fora da caixa”.

Logo após essa atividade eles participaram de outra dinâmica na qual deveriam se autoanalisar enquanto avaliavam a solução encontrada pela equipe. Depois que eles avaliaram a solução encontrada, o oficinairo apresentou de que forma essa avaliação estava conectada com as características de um empreendedor e assim verificar se eles fizeram ou não, como o esperado.

Algumas características do empreendedor que foram utilizadas na avaliação foram comunicação, persuasão, criatividade, reconhecimento de oportunidades, pensamento crítico, avaliação, liderança, negociação, tomar decisões, resolver problemas, fazer networking, administração do tempo dentre outras. Essas habilidades e características foram tomadas como base para montar a avaliação. No Quadro 2 estão os resultados compilados das avaliações que as equipes de ambas as turmas responderam.

Quadro 2 - Avaliação da solução.

SOLUÇÃO	SIM	NÃO
Foi inovadora?	7	3
Houve participação do grupo?	10	0
Todos contribuíram com ideias?	10	0
A solução foi criativa?	10	0
Reconheceram oportunidades empreendedoras?	10	0
Avaliaram de forma realista a proposta de negócio?	8	2
Houve lideranças na equipe?	6	4
Tiveram sucesso na negociação?	9	1
Tomaram boas decisões?	9	1
Conseguiram resolver o problema?	9	1
Pensaram em uma rede de contatos?	8	2
Conseguiram administrar bem o tempo?	6	4

Fonte: dados da pesquisa (2019).

Como visto, as atitudes mais recorrentes em todas as equipes foi a participação do grupo no desenvolvimento da solução, a contribuição com ideias de todos, a criatividade na elaboração da solução, e o reconhecimento de oportunidade empreendedora. Nesses itens da avaliação, todos os grupos realizaram segundo sua autoanálise. Já nas questões como sucesso na negociação, tomar boas decisões e conseguir resolver o problema, apenas uma equipe julgou não ter realizado este item no processo de elaboração da solução.

Quando se tratou dos itens que menos foram realizados dentro do desenvolvimento da solução, foi apontada pelos discentes a inovação, liderança na equipe, e a administração do tempo. Já a avaliação realista sobre a proposta de negócio e a habilidade de pensar em uma rede de contatos, foi citada pela maioria das equipes como realizada dentro da concepção da ideia de negócio. Abaixo estão imagens das respostas dos alunos.

Todas as equipes tiveram resultados muito satisfatórios no que concerne a forma como geriram o tempo, ideias, opiniões e conflitos, visando como resultado uma ideia de negócio criativa, inovadora. Além disso eles conseguiram perceber quais das características e habilidades contidas na avaliação se encaixam em seu perfil pessoal e a partir daí eles fizeram auto avaliação sobre o quão empreendedor eles são ou não. E entender que muitas dessas habilidades não são necessárias exclusivamente para quem é empreendedor ou deseja ser, mas sim para todas as pessoas que querem ir em busca de seus sonhos. As habilidades e características descritas nessa atividade podem ser levadas para a vida no cotidiano.

Após essa atividade, foi apresentada a ferramenta de negócios Canvas, seus nove blocos e como poderiam avaliar suas ideias de negócio com base nas informações requeridas no Canvas. Por exemplo: A equipe pensou qual seria o perfil de cliente, e como resolver seu problema? E a partir daí eles iam respondendo se pensaram ou não no momento de elaborar a solução em todas as informações relevantes que fazem parte de um modelo de negócio Canvas ou até mesmo de um plano de negócios. Embora ainda não tivessem tido contato com essas ferramentas vários aspectos delas foram levados em consideração quando eles propuseram a

solução na primeira atividade. No Quadro 3 abaixo está os 9 tópicos presentes no Canvas e a resposta compilada das duas turmas.

Quadro 3 - Avaliação Canvas

CANVAS		
VOCÊS PENSARAM EM:	SIM	NÃO
Segmento de cliente	10	0
Oferta de valor	10	0
Relacionamento	8	2
Canais	7	3
Fontes de receita	8	2
Parcerias chave	7	3
Atividades chave	4	6
Recursos chave	9	1
Estrutura de custos	6	4

Fonte: dados da pesquisa (2019).

Os alunos apesar de, em sua maioria, não conhecerem essas ferramentas de negócio como Canvas ou até mesmo o Plano de Negócios, conseguiram pensar em muitos dos pontos presentes nessas ferramentas, como, por exemplo: Segmento de cliente; Oferta de valor. Estes foram os tópicos em que todas as equipes pensaram na hora de elaborar sua proposta de solução, mesmo que não tivessem conseguido apresentá-las durante o pitch. As informações que as equipes menos pensaram foi na: Atividade-chave (4 equipes) e Estrutura de custos (6 equipes).

Figura 1 – Canvas nas turmas de Informática e Eletroeletrônica



Fonte: acervo da autora (2019).

Por fim, após a oficina, foi aplicado um questionário avaliativo final para analisar se os resultados pretendidos foram alcançados, no total foram 21 respondentes, sendo que 52,4% do curso de eletroeletrônica e 47,6 de informática.

Não bastava apenas fazer uma oficina, os resultados esperados eram que de fato os conteúdos abordados fossem relevantes para eles, para suas necessidades e anseios do saber,

nesse sentido todos os alunos consideraram os conteúdos abordados como relevantes para seu aprendizado.

Outro objetivo deste trabalho era incentivar os alunos a perceberem em si mesmos a existência de características empreendedoras ou não. Dos respondentes, 95,2% conseguiram perceber durante a atividade as características do empreendedorismo. Nem todos encontraram em si essas características como também foi visto nos resultados da oficina. Mas isso não é ruim, pelo contrário a atitude de se autoconhecer para identificar as características que ainda precisam ser desenvolvidas é um grande passo para o crescimento.

Além das perguntas objetivas, o questionário final era estruturado com perguntas abertas. Os respondentes também deixaram respostas significativas para concluir essa pesquisa. Foi questionada qual a avaliação deles sobre as atividades realizadas, surpreendentemente todas as avaliações foram positivas sendo que algumas das respostas chamaram a atenção:

“Foi bem didática e auxiliou na análise de características empreendedoras pessoais”

“Importante, pois desperta e inspira o espírito empreendedor.”

“A atividade foi ótima, visto que foi capaz de envolver os alunos instigando-os a aprender mais sobre empreendedorismo de modo geral.”

“Foi uma boa atividade para exercitar o empreendedor que está dentro de nós”

“A atividade foi extremamente relevante, já que introduziu o empreendedorismo dentro das mentes de jovens que estão prestes a entrar no mercado profissional. A ação resultou em técnicas para lidar com empecilhos e dificuldades do mercado concorrido atual. Foi fantástica! Essa medida tinha que ser tomada desde o ensino básico.”

Essas avaliações vieram a reforçar que o ensino do empreendedorismo, assim como foi dito por Henrique e Cunha (2008, p.133), tem uma clara preferência por metodologias pedagógicas mais práticas como “plano de negócios, simulação de negócios, jogos, desenvolvimento de empresas ou produtos virtuais ou reais, visitas a empresas e empreendedores e estudos de caso”.

Por serem jovens, é ainda mais importante essa interatividade e criatividade na hora de fomentar a educação empreendedora. Borochovicus e Tortella (2014, p.264) discorrem sobre a aplicação da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), defendendo que atividades como essa têm o propósito de auxiliar o discente no “conhecimento do conteúdo teórico, fortalecer a sua capacidade de resolver problemas e envolvê-lo no aprendizado”. De fato, essa oficina conseguiu demonstrar na prática os conceitos debatidos neste trabalho, e, além disso, trouxe aprendizados tanto para os alunos quanto para a autora.

5 CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi aferir o entendimento dos estudantes do IFAL, que estão no último ano do ensino médio/técnico, quanto ao empreendedorismo por meio de aplicação de metodologia de pesquisa-ação, realizada em oficina que buscou despertar neles o espírito empreendedor através de dinâmicas, atividades e conteúdos ministrados em uma oficina, e levá-los a reflexão sobre que aspectos do empreendedor eles possuem ou não, como uma forma de autoconhecimento.

O questionário inicial permitiu conhecer um pouco sobre o que os estudantes conheciam sobre o empreendedorismo, sobre as expectativas que eles têm para o futuro, se querem ser empreendedores ou seguir em outras áreas. Todos os estudantes que responderam o questionário conhecem o significado de empreendedorismo, eles acreditam que suas carreiras podem ser beneficiadas através do impacto do empreendedorismo. Eles acreditam que a educação empreendedora deveria ser abordada em sala de aula, e também desejam aprender mais sobre empreendedorismo.

Mais de 60% desses discentes são familiares de pessoas que têm negócio próprio ou até mesmo conhecem pessoas próximas que também têm, essa situação cria possibilidades para que eles recebam influências. Sobre a carreira profissional muitos deles já têm em mente qual

carreira querem seguir, outros até pensaram em ter seu próprio negócio. Percebe-se que estes jovens são determinados, pensam nas possibilidades que os espera. Se eles tiverem contato cada vez maior com uma educação mais empreendedora certamente podem se desenvolver ainda mais. Praticamente todos os estudantes afirmaram que os conhecimentos sobre o empreendedorismo são relevantes para suas vidas ainda que não tenham pretensão de ter um negócio.

Os alunos foram muito participativos em tudo, demonstraram que tinham interesse em aprender, e ansiavam por formas dinâmicas e participativas de aprender. Durante o processo criativo de resolver como conseguiriam ir para *Harvard* (ficticiamente), juntando dinheiro com seus próprios esforços, inteligência, espírito empreendedor e planejamento, eles desenvolveram o trabalho em equipe, externaram suas ideias criativas, propuseram soluções, apresentaram e defenderam suas ideias como verdadeiros vendedores e empreendedores.

Ao fazerem auto avaliação, muitas equipes afirmaram que no processo de desenvolvimento da solução, as atitudes mais recorrentes foram a participação do grupo no desenvolvimento da solução, a contribuição com ideias de todos, a criatividade na elaboração da solução, e o reconhecimento de oportunidade empreendedora, sucesso na negociação, tomar boas decisões e conseguir resolver o problema. Por outro lado, as atitudes que menos foram realizadas dentro do desenvolvimento da solução apontadas pelos discentes foram a inovação, liderança na equipe, e a administração do tempo. Tudo isso segundo a avaliação que eles fizeram do grupo.

Os alunos, apesar de, em sua maioria, não conhecerem ferramentas de negócio como Canvas ou até mesmo o Plano de Negócios, conseguiram pensar em muitos dos pontos presentes nessas ferramentas.

Foi muito gratificante ver os resultados da oficina, todos alunos reconheceram o conteúdo abordado na oficina como relevante, conseguiram perceber as características do empreendedorismo, apesar de apenas 47,6% dos alunos que responderam ao questionário se considerem com características empreendedoras. Os discentes atribuíram ao empreendedorismo duas linhas de significados, a primeira o empreendedor com um conceito mais tradicional voltado à empresa e o segundo com uma abordagem mais voltada às atitudes, habilidades e características.

Eles apontaram que as aulas sobre empreendedorismo deveriam ser mais dinâmicas, com jogos, práticas, problemas cotidianos, que fossem mais didáticas, dentre outros aspectos, semelhante ao que foi abordado na oficina ministrada.

Portanto, a educação empreendedora está tomando seu merecido espaço para ajudar os estudantes a pensarem mais como empreendedores, se desenvolverem, entenderem a realidade onde vivem e terem as ferramentas necessárias para serem agentes de mudança. Os jovens, principalmente os da educação básica, anseiam por aprender de forma mais dinâmica, serem agentes ativos de seu aprendizado. O empreendedorismo não é apenas para quem deseja abrir uma empresa, mas o empreendedorismo é para todos, seus aprendizados podem ser utilizados para termos uma sociedade cada vez mais criativa, engajada socialmente, com ideias e práticas inovadoras, de pessoas que querem ser agente de mudanças em sua realidade.

REFERÊNCIAS

BOROCHOVICIUS, Eli; TORTELLA, Jussara Cristina Barboza. Aprendizagem Baseada em Problemas: um método de ensino-aprendizagem e suas práticas educativas. *Ensaio: avaliação política pública em educação*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 83, p. 263-294, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362014000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 maio 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362014000200002>.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Editora Vozes, 2014.

DORNELAS, J. C. A. Só coragem não basta: para buscar oportunidades as pessoas não precisam ter um dom especial. *Revista Forbes*, São Paulo, abril, 2002.

FILION, L. J.; LIMA, E. As representações empreendedoras: um tema essencial, mas ainda negligenciado. *Revista de Negócios*, v. 14, n. 2, p. 89-107, 2009. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/5644/as-representacoes-empresendedoras--um-tema-essencial--mas-ainda-negligenciado/i/pt-br>. Acesso em: 18 maio 2019.

_____. As representações empreendedoras: importantes temas para avançar em seu estudo. *Revista de Negócios*, v. 15, n. 2, p. 32-52, 2010. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/5667/as-representacoes-empresendedoras--importantes-temas-para-avancar-em-seu-estudo/i/pt-br>. Acesso em: 18 maio 2019.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. *Empreendedorismo no Brasil: relatório executivo*, 2018. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/02/GEM-2018-Apresenta%C3%A7%C3%A3o-SEBRAE-Final-slide.pdf>. Acesso em: 18 maio 2019.

HENRIQUE, Daniel Christian; CUNHA, Sieglinde Kindl da. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. *RAM, Rev. Adm. Mackenzie*, São Paulo, v. 9, n. 5, p. 112-136, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712008000500006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 maio 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-69712008000500006>.

IFAL – Instituto Federal de Alagoas campus Arapiraca. *Plano do curso técnico integrado de Informática*, 2018a. Disponível em: https://www2.ifal.edu.br/campus/site/campus_arapiraca/ensino-1/educacao-basica/informatica/plano-do-curso-tecnico-integrado-de-informatica.pdf/view. Acesso em: 18 maio 2019.

_____. Instituto Federal de Alagoas campus Arapiraca. *Projeto de curso técnico de nível médio integrado em eletroeletrônica-arapiraca*, 2018b. Disponível em: https://www2.ifal.edu.br/campus/site/campus_arapiraca/ensino-1/educacao-basica/eletroeletronica/projeto-de-curso-tecnico-de-nivel-medio-integrado-em-eletroeletronica-arapiraca.pdf/view. Acesso em: 18 maio 2019.

LIMA, E.; HASHIMOTO, M.; MELHADO, J.; ROCHA, R. *Brasil: em busca de uma educação superior em empreendedorismo de qualidade*. In: In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) Educação para o empreendedorismo. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

LOPES, R. M. A. *Referenciais para a educação empreendedora*. In: LOPES, R. M. A. (Org.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

MARTINS, Silvana Neumann. Educação empreendedora transformando o ensino superior: diversos olhares de estudantes sobre professores empreendedores. 156 f. *Tese* (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3632>. Acesso em: 04 jun. 2019.

PARDINI, D. J.; PAIM, L. R. C. Empreendedorismo e interdisciplinaridade: uma proposta metodológica no ensino de graduação. In: Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas, Londrina. *Anais ...*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina; Universidade Estadual de Maringá, p. 227-240, 2001.

POLITIS, Diamanto. The Process of Entrepreneurial Learning: A Conceptual Framework. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v.29, n.4, p. 399-424, 2005. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2005.00091.x>. Acesso em: 18 jun. 2019.

REINA, Fábio Tadeu; SANTOS, Roberto Augusto dos. Educação Empreendedora: práticas educativas para dinamizar a ascensão pessoal e profissional dos alunos. *Temas em Educação e*

Saúde, [S.l.], p. 147-163, jun. 2017. ISSN 2526-3471. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/9592/6848>. Acesso em: 18 maio 2019. doi:<https://doi.org/10.26673/rtes.v13.n1.jan-jun2017.10.9592>.

RIBAS, R. O saber empreendedor: diretrizes curriculares para elaboração de programas para formação de empreendedores com base na Escola Progressiva de John Dewey – reflexão e proposta. São Paulo / Raul Ribas *Tese* para obtenção de título de Doutor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2011.

SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. Educação Empreendedora: Premissas, Objetivos e Metodologias. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 10, n. 3, p. 60-81, 2016. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/42961/educacao-empreendedorora--premissas--objetivos-e-metodologias-/i/pt-br> . Acesso em: 18 maio 2019.

_____. A Formação de Novos Empreendedores: Natureza da Aprendizagem e Educação Empreendedoras. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, v. 11, n. 3, p. 2-20, 2017. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/48275/a-formacao-de-novos-empreendedores--natureza-da-aprendizagem-e-educacao-empreendedoras/i/pt-br>. Acesso em: 18 maio 2019.

SILVA, Cristina Amboni da. Empreendedorismo, tecnologia e design thinking: proposta de oficina para alunos concluintes da educação básica. 134 p. *Dissertação* (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação, Araranguá, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185607>. Acesso em: 04 jun. 2019.